

**NA NOSSA PELE****ON OUR SKIN****SUR NOTRE PEAU****EN NUESTRA PIEL**

Fernanda Lira Goes¹

RAMOS, Lázaro. *Na minha pele*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

A leitura da obra *Na Minha Pele*, escrita por Lázaro Ramos, é um desafio particular. O autor, que não é geógrafo, nos propõe uma reflexão para além de uma autobiografia sobre o espaço geográfico do corpo enquanto lugar de consciência coletiva, tanto quanto uma análise crítica da formação contemporânea do território negro brasileiro. O exercício de Ramos está organizado em duas linhas de pensamento de categorias de poder. Inicialmente, propõe uma construção do corpo definido como primeiro lugar de um sujeito no espaço e no tempo. Em seguida, fornece elementos para a transição do corpo vivido no território usado inserido no território negro. Se na capa do livro há o retrato da metade direita do rosto do autor é porque a metade esquerda é compartilhada nas reflexões da nossa pele.

Quando a categoria de poder insere-se na geopolítica pelos elementos do corpo, *Na Minha Pele* é um debate sobre os conflitos assentados em uma estrutura territorial racializada de poder. Justifico minha perspectiva desde o primeiro capítulo, *A Ilha*. A viagem do corpo negro em Lázaro Ramos vem da Ilha do Pati, na Baía de Todos os Santos, fronteira de Salvador. A bagagem principal é também sua referência bibliográfica mais influente: a memória materna que acompanha as ideias em toda a obra. *A Ilha de Pati* é descrita pela presença da cultura afrobrasileira no samba do Recôncavo baiano e nas celebrações dos festejos da população local. Pela narrativa, é bem possível que seja um território insular aquilombado. A religiosidade é suscitada no cristianismo católico e evangélico e as festas são sempre pausas para as relações culturais, especificamente a transição do sujeito da Ilha para a cidade é simbolizada pela experiência do carnaval de Salvador ao lado de sua mãe. As letras das músicas que

¹ Técnica de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - DF, Brasil. E-mail: liragoes@yahoo.com



marcaram a memória do menino fazem referência a demandas políticas de um grupo específico da capital baiana: o canto pelas liberdades ao povo negro.

Quero ser Médico poderia ser exceção aos demais títulos dos capítulos da primeira parte do livro por ser o único que não estaria diretamente ligado a um lugar geográfico. Entretanto, ser médico, para o corpo negro e pobre, assume a geografia do contralugar na medida em que questiona o lugar normal para a branquidade (Moreira, 2014, p. 79). A narrativa de um sujeito negro publicita de modo corajoso a vontade de ocupar um lugar de poder no debate de raça e classe no Brasil. A viagem do corpo negro do autor parte das fronteiras insulares para os limites das paredes do espaço urbano. Inicia seus primeiros contatos de resistência política ao frequentar um dos locais de resistência de Carlos Alberto Caó, liderança do movimento negro e autor da Lei que imputou penalidades ao crime de racismo no Brasil. E pontuar o bloco de carnaval Filhos de Gandhi, o grupo cênico Bando de Teatro do Olodum. E insiste na educação como processo-meio de ascensão social de negros e negras.

As relações religiosas e a educação formal estiveram presentes em toda obra-trajetória da Minha Pele. A capacidade de tolerância religiosa é descrita de modo a se perceber certa função aos atuais movimentos conhecidos pelo uso de discriminações a pessoas praticantes de religiosidades e as violências relacionadas aos sagrados territórios negros. Assim, coube no candomblé o reconhecimento à educação de matriz africana pelos princípios de importância familiar, respeito e solidariedade.

Tem-se na casa um lugar de percepção dos limites contemporâneos não escritos para o direito de ir e vir do corpo negro. A restrição ao quarto de empregada estava diretamente relacionada aos momentos de exceção e amplo acesso à casa da patroa, pela atividade desenvolvida por sua mãe, uma função que reproduzia no apartamento a arquitetura tipicamente brasileira da casa grande e da senzala. Não obstante, no século XXI empregadas domésticas brasileiras ainda mantêm desigualdades estabelecidas em lei por não possuir os mesmos direitos assegurados às demais trabalhadoras.

Entre o Laboratório e o Palco, o terceiro capítulo, retoma no título a geografia. Antes de ser do palco, deixa de ser do quarto de empregada, transita pela residência paterna. O bairro do Garcia surge enquanto moradia de descobertas, seu primeiro palco de atuação pública e gratuita. Se por um lado os limites de renda o fizeram estrangeiro



de brinquedos comuns em outros lares, por outro libertou o inconsciente para criatividade de brinquedos e brincadeiras com pertencimento de ocupar a rua. Já no território doméstico, construiu referências para ser apresentador de televisão com temas relacionados principalmente às questões raciais e aquelas de seu território vivido. Noutra espaço de convivência, permeado pela educação formal, transitou entre a educação pública com possibilidades lúdicas e a privada, resultado de um esforço familiar. Por meio da escola iniciou a passagem para os palcos de teatro, sua escola de formação política e social.

Mais que o corpo de estudante e ator era corpo técnico no município adjacente a Salvador, São Francisco do Conde. Provavelmente, a primeira violência marcante sofrida pelo Estado ocorreu por meio dos agentes públicos da polícia, descrita por uma abordagem em um banco de Salvador. O discurso de que todo negro é pobre, resquício do sistema de escravização, da política do branqueamento e do mito da democracia racial, confisca da população negra brasileira o direito de acesso à renda pela negação do pagamento pelos serviços prestados. Somado à retórica de que o corpo negro é o corpo suspeito, ser homem negro acessando dinheiro em um banco implicou-lhe a imagem de ilegalidade ao corpo pobre e suspeito do trabalhador ator (Flauzina, 2006, p. 112). Portanto, o dinheiro de Lázaro Ramos é negro, tem raça e tem cor. Neste momento, a relação entre raça, classe e violência atingiu o autor enquanto indivíduo observador de sua própria experiência. A cor da pele aparece sob reconhecimento de identidade.

Em cima do palco com o Bando de Teatro Olodum abre o capítulo quatro. Se Ramos fosse acadêmico, o título do *currículum lattes* seria A Ribalta, aquelas luzes que ficam entre o palco e a orquestra. Ao enfileirar os trabalhos realizados no teatro, na televisão, no cinema, cita todos e todas que lhe foram de alguma influência, atores e atrizes, professoras e professores, lideranças militantes pela equidade racial. Com muita liberdade de quem está disposto a se abrir, descreve os detalhes de seus aprendizados. Para além da formação política, social e educacional, assume a base posta na identidade. Ou seja, onde Lázaro Ramos estiver, estará sempre em si mesmo, como corpo negro que tanto é o lugar que ocupa, como o território que usa, o desejo e o sonho de estar onde quiser; de negar o lugar que o racismo oprime, contudo, de seguir o caminho escolhido. Não por acaso, diante desta consciência, há importância dedicada àqueles trabalhos



relacionados ao debate da questão racial e do anti-herói. “Os desafios de ascender socialmente e se inserir em outra realidade sendo uma exceção. Os olhares reais e os de soslaio. Os subtextos que se percebem nas entrelinhas. Os medos e as sutilezas do preconceito. A solidão. Será que consigo vencê-los? Será que consigo vencê-los suprimindo também o desejo de exercer a minha profissão com liberdade e criatividade?” (Ramos, 2017, p. 60).

A transição é intitulada Conexão. O objetivo ilustrado no corpo e na pele soma-se inclusive à questão racial de modo mais amplo. A sinceridade com que avisa que esta segunda vivência será incômoda chega a ser inútil não fosse a possibilidade de leituras diversas. Para a negrada compartilhar aquela trajetória até ali já havia sido de tamanha reflexão e deveras sofrimento. Motivo que me fez pensar a razão pela qual não se acessa leitura negra e afrocentrada. Seria esse o racismo intelectual de ideias, de conceitos, de categorias de análise que reproduz uma educação formal desigual? Avisar dos incômodos está alicerçado no diálogo entre o corpo sujeito da narrativa negra com ideias da narrativa do sujeito negro e o interlocutor externo ao lugar posto.

Lázaro se impõe de supetão e para a urgência em combater o racismo. Bem que avisou. No Imaginário propõe essa desconstrução a partir de questionamentos pessoais disseminadores de um *brainstorming* sobre formas de combate ao racismo. Do humor leve transita para o embate legítimo. A preocupação relevante é a construção de um ambiente próximo a seus filhos, um negro e uma negra, com a menor possibilidade de serem atingidos pelos efeitos que os cercam. Consciente da impossibilidade da bolha afrocentrada, percebendo a lacuna de representatividade como elemento de autoestima desenvolve política pública educacional ao presentear brancos com leituras negras e afrocentradas. Milita ao presentear leituras para a aprendizagem afro-afirmativas, milita ao usar o corpo como meio expositor da deseducação aos preconceitos raciais ao atuar.

As Nossas Escolhas dialoga com a negrada sobre trabalho, atividade remunerada, ascensão social. Cita a entrevista com Emicida para colocar a problemática das relações de classe e raça: ascensão social negra. Ocupar e resistir no mesmo corpo que te possibilita ter renda, mas te impede de ser o proprietário de sua renda. Talvez um pouco do incômodo alertado na Conexão seja esse desconforto que o sujeito negro rico sente quando, apesar da capacidade de crédito, percebe-se cerceado em sua própria

fronteira de cor. Simultaneamente apresenta a trajetória de como Luiz Lázaro Sacramento Ramos enveredou para Lázaro Ramos nas quase três décadas em que as facetas da qualidade e do reconhecimento relacionam-se à raça e cor de quem trabalha.

Zelador de seus próprios fantasmas, supera as incertezas pelo Empoderamento e Afeto. Ao defender um projeto em que Ler é Poder, consoma a ideia de que o empoderamento negro viria pela educação e cultura. Nesse processo de autoafirmação e de ecoar trocas afrocentradas de luta por liberdade e contra o racismo, entrega referências negras comuns de juventude, inclusive da geração tombamento e das mulheres negras afrontosas. No que se aproxima ao debate da linguagem ressignificante à luta racial e de mulheres, a preocupação é retomada pela defesa da afetividade mais próxima à ideia de parceria. Há exemplos do radicalismo necessário para reflexão, pelos comportamentos submissos que não necessariamente nos seja essência. Alerta a solidão da mulher negra e das complicações na convivência embasada em uma baixa autoestima. “Mas afeto é potência” (Ramos, 2017, p. 122).

Assim, Lázaro, íntimo, se abre às dúvidas da luta contra o racismo. Quando Fiquei Sem Resposta é um daqueles insípidos momentos de reincidência de reprodução de hábitos prejudiciais em busca da estratégia certa. Tanto o texto “O topo da montanha”, importado da luta de afro-americanos dos Estados Unidos e encenado por Lázaro e Thaís Araújo, levantou diversas reações legítimas e outras ainda estranhas. Quanto discutir a estrutura de abordagem agressiva a jovens negros pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, principalmente quando estão usando territórios brancos. Quaisquer reações e resistências são legítimas? Somos donos de nossos corpos e deles podemos cuidar.

Reproduzo um trecho d’O Filtro direcionado aos “meus amados amigos brancos” ao conceituar a cor da pele enquanto patrimônio. “Sim, nós somos iguais, mas também não somos iguais. E vocês precisam assumir esse compromisso de, juntos, encontrarmos um caminho. Não é possível que não haja um caminho! Tem que haver um caminho! Tem que existir um novo pensar, um novo formar, um novo amar.” (Ramos, 2017, p. 134-135). Mesmo que a culpa assuma o lugar inicial de revoltar-se contra o racismo, há que se rebelar e acompanhar o grito.



Oprimidos e opressores em uma luta contra a reprodução de opressões. O humor é elemento de leveza desta proposta. Para a dor do racismo estrutural, o ódio de ser vítima e a raiva contra o agente, a fé responde enquanto resistência. As diferenças também habitam as realidades dos corpos negros em seus lugares vividos, por mais que haja estereótipos comuns. Querer se eximir de perceber-se não é uma vontade, o racismo te encontra. Ao fim, Lázaro Ramos defende a resistência afrocentrada nos moldes de uma educação verdadeiramente emancipatória. “E seja feliz” (Ramos, 2017, p. 146).

REFERÊNCIAS

- FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. *Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília: Brasília, 2006.
- MOREIRA, Camila. Branquitude é branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro. *Revista da ABPN*, v. 6, n. 13, 2014, p. 73-87.
- RAMOS, Lázaro. *Na minha pele*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

Recebido em junho de 2018
Aprovado em setembro de 2018